



Fala Egbé

Informativo dirigido às Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº 19 • ano VII • Agosto de 2009

O Desafio da Juventude

Muito temos falado de violação de direitos, dos direitos humanos que todas e todos devem ter respeitados, tanto como cidadãos políticos como na qualidade de sujeitos sociais, que vivem em uma cultura e em um ambiente econômico e ecologicamente equilibrados.

Mas devemos nos perguntar incessantemente: sobre quais corpos incidem as violações de direitos? Quem são os que sofrem até as barras da morte a falta de trabalho, de lazer, de transporte e de educação adequada?

O corpo jovem; das jovens e dos jovens! Essa é a dura resposta que a vida urbana tem dado em nossos tempos, de meninos e meninas sobrevivendo aos trancos e sem barrancos onde se recostar. Muitos dos jovens e adolescentes negros estão morrendo antes dos 25 anos. Vários se sentem sem perspectiva, sem saber que caminho seguir, que escolhas fazer.

É um desafio enfrentar essas situações e muitas outras pelas quais passam os jovens; situações que somente eles podem ajudar a definir as melhores saídas, e que as instituições podem ajudar e apoiar.

Qual a contribuição possível das Casas de Candomblé? Vejamos algumas...

Ouvir a juventude: sabemos que os espaços dos candomblés são regidos pela autoridade dos mais velhos, o que garante a unidade e a ligação entre todas e todos



humanos, a natureza e as divindades. Ouvir, para saber o que esperam os jovens em sua realização social e que apoios seriam possíveis, é uma primeira atitude.

Acolher a participação: o desejo de participação dos jovens na vida das Casas deve ser acolhido. Atitude que é possível sem ferir as hierarquias, permitindo o protagonismo dos jovens em questões sociais e no auxílio do desempenho religioso da Casa, nas festas e celebrações diversas... Tudo segundo a hierarquia.

Acompanhar situações críticas: os jovens por vezes estão expostos a situações críticas diversas. Como por exemplo, de violência no bairro, com medo de ir e vir; de descobertas do corpo. Os jovens necessitam de orientações para viver a sexualidade livre e de conversas sobre direitos iguais entre pessoas de sexos diferentes ou de orientações sexuais diversas, homoafetivas. As Casas podem abrir espaços para os jovens buscarem esse tipo de acompanhamento e orientação – para as quais os próprios jovens de candomblé

podem preparar-se para liderar e informar.

Há muito mais situações que a criatividade e vontade de participação das juventudes podem trazer para o diálogo. Nesse intuito, KOINONIA tem procurado apoiar e capacitar jovens de terreiros de candomblé para cumprirem seu próprio destino, em diálogos com a própria diversidade ecumênica que a sociedade apresenta.

Assim seguiremos, com as bênçãos do Senhor dos Tempos, que, como as juventudes, nunca há de se conformar com os “castelos” que construímos; tentando e tateando com os jovens e as jovens, apoiando-os em seu desafiado caminho.

DECLARAÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA: ATRASO DA RECEITA FEDERAL

Pág. 2

FORMAÇÃO DE AGENTES DE COMBATE À DENGUE

Pág. 4

CAPACITAÇÕES E SEMINÁRIOS NO BAIXO SUL DA BAHIA

Pág. 5

UM TERREIRO, UMA HISTÓRIA: UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO

Pág. 10

Ações do Programa	
Necessidades dos Terreiros	Caminhos
Garantia de posse e propriedade de terra	Formação de associação civil Registro no CNPJ Processos de Usucapião
Reconhecimento de direitos públicos	Elaboração de laudos antropológicos Elaboração de laudos etnoecológicos Processo de imunidade de IPTU
Garantia territorial e melhoria ambiental	Elaboração de levantamentos planialtimétricos Elaboração de projetos paisagísticos
Superação do preconceito e da intolerância religiosa	Ações contra o preconceito e a intolerância religiosa Realização de reflexões e encontros de diálogos que auxiliem as ações contra o preconceito (temas)
Projetos sociais e econômicos	Trabalho voluntário Oficinas: bordado; saúde da mulher; direitos de comunidades Outras oficinas

KOINONIA FAZ (-SE) 15 ANOS



Nesses 15 anos fomos homens, mulheres, jovens, gentes: do campo, de negras tradições, das igrejas e das organizações parceiras... Fomos também os abraços e beijos, os cafezinhos e as conversas, os sorrisos e os medos, e os tantos olhares: de compreensão, aflitos, contritos, sagazes, esquivos... Luzes que brilharam por justiça e direitos.

Assim mergulhadas, misturadas às gentes e comprometidas com suas causas, se fizeram nossas tramas de *serviço*.

Nossa *presença* impregnada de tantas realidades nos fez uma KOINONIA, caleidoscópio de múltiplas identidades... Corremos assim o risco, de nos perdermos nos encontros com os outros... De não saber quem somos totalmente entregues, a outros querereres.

Mas aqui chegamos, aqui estamos:

Felizes com a doce sensação de vida a correr nas veias, de quem viu flores sem temer pelos espinhos;

Capazes de reunir as faces da diversidade e sonhar por mais anos para nossa vocação: *ecumênica* paixão.

ASSOCIAÇÃO CIVIL

Estamos em um momento em que estão sendo divulgadas e difundidas várias oportunidades de apoio às comunidades negras, seja para projetos sociais, culturais e econômicos de desenvolvimento das Casas, seja para recuperação dos bens patrimoniais.

A realidade econômica dos Terreiros de Candomblé é a de não possuírem uma receita própria e, portanto, não terem condições de dar continuidade aos seus projetos que demandem recursos. Desta forma, torna-se imprescindível não só aproveitar as oportunidades que surgem, seja na esfera governamental ou não-governamental, como também lutar por novas frentes de apoio e financiamento.

Para tanto, uma das necessidades básicas destas instituições religiosas é a sua constituição como instituição jurídica – a associação civil, como também, a manutenção da regularidade do seu registro e funcionamento, cumprindo com as obrigações civis que são impostas pela legislação vigente no país.

Neste sentido, continuamos apoiando as Casas que desejam e buscam esta regularização, prestando os serviços de orientação e capacitação aos seus representantes.

Para o período compreendido entre abril e julho, foram apoiados diretamente os seguintes casos:

- Unzò Ngunzo Kwa Kayongo, situado no bairro de Cajazeira XI – Retomada das ações para registro da Associação Civil.
- Ilê Axé Omin Funkó, localizado no subúrbio ferroviário - Possui Associação Civil registrada e com CNPJ, mas solicita orientação para composição e registro de atas de reeleição de diretoria.
- Ilê Axé Oló Omin, situado no bairro de Valéria - Busca a retomada de orientação para o processo de reforma estatutária e atualização de diretoria.
- Ilê Axé Omin Dolar, localizado no bairro de Castelo Branco - Solicitou apoio para registro inicial da associação no período anterior. A documentação encontra-se pronta, à disposição dos representantes da Casa.
- Ilê Axé Oyá Alafumbí, situado na cidade de Lauro de Freitas (Região Metropolitana de Salvador - RSM) -

Encontra-se em fase de registro de sua associação; em acompanhamento cartorial.

- Ilê Asé Ayê Burukam Ajunsun, também situado na cidade de Lauro de Freitas (RMS) - Continua em processo de alteração de dados da diretoria.
- Ilê Axé Opó Ibu Alama, situado no Alto do Peru - Fez sua primeira solicitação de apoio para constituição da associação.
- Unzó Sasaganzua Kanjoanlojolo Kangunga Kiasalapakanua, localizado no bairro de São Caetano – Entrou com solicitação de apoio para iniciar o processo de constituição da associação civil.
- Ilê Axé Silé Odé Águas de Efan, localizado no bairro de Águas Claras - Solicitou apoio através do site. Encontra-se em atendimento para instruções sobre a legalização da associação civil.

CNPJ

Voltamos a lembrar que a regularidade do CNPJ das associações civis que são imunes ao Imposto de Renda, depende, além da atualização dos dados cadastrais, da Declaração Anual de Imune. Esta declaração é realizada através do site da Receita Federal, na internet, www.receita.fazenda.gov.br, normalmente no primeiro semestre de cada ano. Entretanto este ano, devido a problemas internos na Receita Federal, o prazo para a declaração ainda não foi aberto. Alertamos a todos os representantes das associações que estejam atentos ao momento em que os prazos forem abertos. Lembramos ainda, que assim que os formulários de declaração estiverem disponíveis na internet, o Programa Egbé abrirá as inscrições para o Curso de Capacitação, a ser realizado no escritório do Programa, que permitirá aos representantes das associações realizarem suas declarações de forma independente. Esta é mais uma ação do Programa, que busca capacitar as associações para sua auto-gestão.

PROCESSOS JURÍDICO-ADMINISTRATIVOS

- Abertura de processo administrativo de solicitação de isenção da Taxa de Fiscalização e Funcionamento (TFF) do

Centro de Caboclo Itapoan. Esta taxa é gerada a partir do registro da Casa no Cadastro Geral de Atividades do Município (CGA). Entretanto, por se tratar de templo de culto, a isenção é prevista na legislação e liberada mediante este procedimento administrativo.

- Ilê Axé Oló Omim - Solicitação de processo administrativo para reconhecimento de imunidade tributária. Entretanto, procedimentos prévios estão sendo encaminhados, como a regularização da associação civil (conforme descrito anteriormente), para que seja possível a abertura do processo.

- Ilê Axé Oxumaré – A ação de *usucapião* aberta no ano de 2000 contra o espólio de Martins Catharino, após diversos entraves, espera o pronunciamento do juiz sobre a necessidade de marcação de uma audiência de justificativa ou a sentença definitiva. Continuamos aguardando.

- Manso Dandalungua Cocuazenza – O andamento do processo de *Uucapião* que já era dificultado pela necessidade de citação de vários réus e de toda a vizinhança, agora foi contestado por uma família vizinha, que entrou com uma Oposição (espécie de intervenção de uma parte que a princípio não estava incluída no processo). Assim, para que o processo tenha seguimento, todas as partes do processo devem ser citadas novamente pela justiça, fato este aguardado pelo Terreiro.

- O “Caso Mãe Gilda” - Ação indenizatória que a família do Axé Abassá de Ogum move contra a Igreja Universal do Reino de Deus - Iurd, aguarda as decisões finais para a reparação dos danos causados à Iyalorixá Gildásia Santos dos Santos e a execução da sentença aprovada pelo Superior Tribunal de Justiça. Enquanto se aguarda as tramitações finais, a última movimentação favorável que aconteceu no processo foi a definição de que a publicação que deverá constar na primeira página da Folha Universal - uma das penas que os réus terão que cumprir - será aquela descrita na sentença na Primeira Instância, onde apresenta toda a situação de intolerância religiosa praticada pela Iurd.

Oficinas, seminários e parcerias

CURSO DE GESTÃO NO BAIXO SUL

Seis comunidades de Camamu se reuniram para elaborar uma proposta comum de comercialização de seus produtos, com agregação de valor cultural – a marca da identidade quilombola. As comunidades de Barroso, Porto do Campo, Garcia, Pimenteira, Dandara dos Palmares e Laranjeira estão se articulando para montar e gerir uma lojinha situada na comunidade do Garcia, às margens da estrada Camamu-Itacaré, aproveitando o mirante que existe no local e que é ponto de parada para turistas tirarem fotos e apreciarem a paisagem.

Esta iniciativa tem levado este conjunto de comunidades a discutirem o formato de um empreendimento comum e tudo que envolve esse tipo de iniciativa. Esses debates acontecem dentro do curso de gestão que Koinonia vem realizando com este grupo de comunidades. O curso está previsto para acontecer em quatro etapas, culminando na elaboração de um Plano de Negócios. A primeira etapa, que trata da organização do coletivo das comunidades envolvidas para executar a proposta - acordos e formalizações de compromissos, regimento, definição de responsabilidades, busca de soluções conjuntas e cooperativadas para as dificuldades de transporte – já está sendo implementada. Foram realizados dois encontros nos quais se avançou muito na proposta de organização, na criação de um comitê gestor provisório e até na elaboração da planta da lojinha e de sua decoração. Por exemplo, foram definidos que os móveis serão todos de tala de dendê, fabricados por artesãos das comunidades. Na loja será comercializado: artesanato de pesca, de cipó e de tala de dendê, gamela, e escultura em madeira; cestaria; móveis em tala de dendê; doces e gêneros alimentícios, azeite de dendê, licor; sabão de dendê; bordados; corte e costura, pintura em tecido; remédios tradicionais; produtos da roça do grupo de mulheres (inclusive farinha e derivados de mandioca); marisco.

CURSO DE FORMAÇÃO DE AGENTES DE COMBATE À DENGUE

Cumprindo um compromisso assumido no Seminário Público realizado em outubro de 2008, a Supe-rintendência de Vigilância e Proteção da Saúde (Suvisa) realizou, em parceria com KOINONIA, a primeira Oficina de Capacitação de Multiplicadores de Religiões de Matrizes Africanas no Combate à Dengue, no dia 30 de maio, na Biblioteca Pública Estadual nos Barris (Salvador, BA). O objetivo é dar subsídio às comunidades para que elas continuem sendo centros de referência nos bairros e possam atuar no combate a esta epidemia de forma mais ativa, consciente e, agora, com o respaldo técnico-informativo do estado. O evento contou com participação de técnicos da Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Divep), da 1ª Diretoria Regional de Saúde (DIRES) e da Acbantu. Para a superintendente da Suvisa, Lorene Pinto, esse encontro representa o cumprimento de um compromisso de parceria pela saúde entre o Estado e os Terreiros que ela espera que dê bons frutos: “Temos que garantir que essa parceria continue e se multiplique pelos Terreiros”, convocou Lorene. Foram capacitados 29 agentes de diversas Casas de Candomblé da Grande Salvador, inclusive vários jovens do grupo Obabyan. Na abertura do encontro, o Tata Xicarangoma do Tumba Junçara, Esmeraldo Emetério, falou sobre os ambientes sagrados das religiões de matriz africana e da importância da água para o povo de Candomblé, ressaltando a importância que se deve ter com este aspecto. KOINONIA participou ativamente do evento, não apenas convocando os Terreiros, mas desde o planejamento pedagógico da oficina até a realização de dinâmicas na abertura e no encerramento do dia de trabalho.

OFICINA DE BORDADO NO MANSO DANDALUNGUA COCUAZENZA

Foi encerrada no dia 25 de junho a nova oficina de bordado (bainha aberta)

no Terreiro Manso Dandalungua Cocuazenza, em Salvador (BA). Esta oficina é um desdobramento das oficinas de artes e ofícios realizadas durante os anos de 2007 e 2008 por KOINONIA, através do Projeto de “Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”, co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED, junto aos Terreiros de Candomblé de Salvador e sua região metropolitana.

Ernestina Climaco dos Santos, a Tina, que foi aluna na primeira oficina, tornou-se a organizadora e a instrutora deste novo grupo de 18 mulheres. Segundo a responsável pela Casa, Mãe Noélia, isso demonstra que, quando há interesse, o trabalho segue adiante. Tina está entusiasmada com o curso e pretende abrir nova turma. A intenção do grupo é, no futuro próximo, criar uma cooperativa de bordadeiras. Para isso, a Associação elaborou um projeto e está buscando apoio para iniciar o trabalho de produção do núcleo de bordado do Manso e para a realização de novos cursos. Enquanto isso, as bordadeiras não querem ficar paradas: Tina explicou que a idéia é cobrar uma taxa inicial das alunas, para compra de material, e continuar com as aulas e com os encontros para produção das peças. Já receberam encomendas que foram atendidas por três bordadeiras – a instrutora e duas alunas. A proposta é que esse núcleo de bordadeiras se articule com o Espaço Cultural Vovó Conceição, que está avançando na consolidação da produção e comercialização de roupas e bordados com marca de identidade cultural.

SAÚDE

Dentro das ações do Projeto “Capacitação e Apoio ao Desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”, continuam as atividades de sensibilização em saúde, dentro das temáticas de relações de gênero, saúde reprodutiva, prevenção de DST's e HIV/AIDS para as comunidades de Candomblé e comunidades negras litorâneas.

Destaque para os encontros realizados em Salvador, no dia 27 de junho, e no Baixo Sul Camamu, nos dias 11 e 12 de julho, onde a Monitora de Ciclos de

Capacitação, Ana Gualberto, e a assessora de Saúde e Direitos, Ester Lisboa, foram as facilitadoras dos encontros. O coordenador do Programa, Rafael Oliveira, apoiou o encontro em Salvador. Nesses encontros, os presentes puderam sanar dúvidas e receberam informações através de dinâmicas e conversas em grupos. Na opinião da assessoria, falar sobre saúde reprodutiva, preservativos e relações de gênero foi possível mediante o clima de descontração dos grupos atendidos. Um dos assuntos abordados foi o da importância da mudança de comportamento mediante a necessidade da contenção da pandemia do HIV, principalmente tendo os homens como co-responsáveis. Formas de transmissão e de prevenção foram destacadas para que não houvesse dúvidas. O mais fascinante foi discutir relações de gênero, tema desenvolvido a partir de técnicas que provocaram um repensar nas atitudes enraizadas pela cultura.



Presença masculina na sensibilização em prevenção de HIV/AIDS - Baixo Sul/BA

Participaram dos eventos cerca de 180 pessoas, entre mulheres, homens e jovens, de 46 comunidades de Salvador e de 16 comunidades dos municípios de Camamu, Nilo Peçanha, Igrapiúna, Ituberá e Maraú (Baixo Sul).

A proposta é dar continuidade à discussão e fazer frente à enorme carência das comunidades negras tradicionais no acesso ao tema da saúde. O desafio no Baixo Sul é vencer as dificuldades da distância das comunidades em relação à sede dos municípios, que restringe o acesso delas às informações que necessitam e têm direito.

A avaliação do programa é de que este grupo tem um grande potencial para multiplicadores em saúde e que devem ser

estimulados e motivados para uma ação efetiva em suas comunidades.

CAPACITAÇÃO NO BAIXO SUL - ESTATUTO PARA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA

Fruto da parceria existente entre KOINONIA, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camamu - STR e SASOP, e dentro das atividades do Projeto “Capacitação e Apoio ao Desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil” - que acontece na região desde 2007- foram realizadas na cidade de Camamu nos dias 12 e 31 de julho, oficinas para discutir alterações que são necessárias aos estatutos das associações das comunidades, para adequação ao formato de Associação de Remanescente de Quilombo. A atividade ocorreu na sede do STR-Camamu e contou com participação de lideranças de 12 comunidades remanescentes de quilombo de 5 municípios da região do Baixo Sul da Bahia: Camamu, Nilo Peçanha, Igrapiúna, Maraú e Ituberá.

A discussão do estatuto da Associação é fundamental para regularização fundiária, pois é em nome dela que é titulado o território. Dentro da dinâmica da atividade, algumas comunidades levaram seus estatutos para serem lidos e avaliados pelo grupo. As propostas apresentadas pela equipe de KOINONIA tiveram o objetivo de informar às lideranças comunitárias quais as exigências governamentais existentes para este reconhecimento de uma forma geral e a geração de discussão comunitária dos pontos particulares de cada caso.

QUILOMBOLAS DO BAIXO SUL (BA) DEBATEM IDENTIDADE E DIREITOS

Quilombolas do baixo sul são multiplicadores em ‘Encontro de Identidade e Direitos das Comunidades Quilombolas do Território Baixo Sul da Bahia’

Foi realizado entre os dias 13 e 14 de agosto, no auditório da UNEB em Valença, o primeiro evento promovido pelo Núcleo Executivo do Território da Cidadania do Baixo Sul da Bahia, composto por AACAF (Agência de Assessoria e Comercialização de Agricultura Fa-

miliar), STTR de Camamu, STTR de Valença, SASOP, entre outras instituições, para discutir a identidade e os direitos das comunidades remanescentes de quilombos. Aproximadamente 60 pessoas participaram, representando 23 comunidades quilombolas dos municípios de Camamu, Ituberá, Taperoá, Tancredo Neves, Cairú, Nilo Peçanha e Valença (Núcleo Executivo); além de Ana Gualberto e Mara Vanessa Dutra, representantes do Programa Egbé Territórios Negros, de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

A participação no encontro teve como maioria o grupo de multiplicadores com os quais KOINONIA vem dialogado desde 2007, através do projeto “Capacitação e Apoio ao Desenvolvimento das Comunidades Negras Tradicionais do Brasil” – Projeto co-financiado pela União Européia, Christian Aid e EED. Durante os dois dias do encontro, os quilombolas puderam esclarecer dúvidas e contar as experiências do processo de auto-reconhecimento que vem acontecendo em suas comunidades.

Identidade e Direitos quilombolas

O encontro teve como propósito prestar informações a respeito do processo de auto-reconhecimento e da titulação dos territórios quilombolas. Outro ponto de discussão foram as políticas públicas prioritárias para as comunidades quilombolas, assunto que, infelizmente, não foi possível avançar muito. KOINONIA ficou responsável em introduzir o debate sobre a conjuntura nacional, com principal destaque para o cenário complexo das tentativas de invalidar as leis que hoje beneficiam as comunidades, principalmente o Decreto 4.887 (que regulamenta o processo de regularização fundiária dos territórios quilombolas).

O Núcleo Executivo do Território do Baixo Sul da Bahia, responsável pela articulação do evento, acredita que a questão das comunidades quilombolas pode ganhar mais espaço na pauta das discussões do Território da Cidadania do Baixo Sul, já que neste território encontram-se 48 comunidades reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como remanescentes de quilombo, entretanto a maioria delas não compreende o processo no qual estão prestes a ingressar.

Todo dia deveria ser 21 de janeiro

Líderes religiosos pedem leis mais duras contra o preconceito

Católicos, evangélicos, muçulmanos, judeus, representantes de religiões de matrizes africanas, advogados e professores participaram no dia 3 de abril, no Rio de Janeiro, de uma reunião para discutir o Plano Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. No encontro, líderes religiosos sugeriram a criação de projetos de lei mais rígidos para inibir o preconceito contra qualquer tipo de religião. Atualmente, quem comete ato considerado preconceituoso contra uma religião é enquadrado na Lei nº 77.16 de 1989, que tipifica racismo e crime religioso. O plano também foi discutido por líderes religiosos em outros estados brasileiros. O documento que resultou dos debates será encaminhado ao Congresso Nacional. A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (RJ) espera que o plano seja lançado ainda este ano pela Presidência da República. (Fontes: Portal Jornal do Povo e Jornal Cruzeiro do Sul em 03/04/2009)

Evangélica tenta colocar fogo em umbandista

A umbandista Cirene Dark, 54 anos, foi atacada dentro de sua casa em Pílares, na Zona Norte do Rio de Janeiro, pela empregada doméstica Nádia Pereira, uma pastora da Assembléia de Deus. A evangélica agrediu a senhora com um banco de madeira e ainda tentou atear fogo nela. A família da vítima acredita que a tentativa de agressão tenha sido motivada por uma homenagem que Cirene faria para uma entidade da Umbanda. A denúncia foi feita pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa no Rio de Janeiro e o fato foi registrado na 24ª DP (Piedade) como cárcere privado, lesão corporal ou tentativa de homicídio, tentativa de incêndio, intolerância religiosa e dano. (Fonte: Jornal O Dia em 30/04/2009)

MP denuncia pastor e policial que invadiram templo de umbanda

O Ministério Público vai denunciar o pastor neopentecostal Saintclair Gomes que com auxílio do policial militar Nielsen Campos Nogueira, do 7º Batalhão Polícia Militar invadiu um templo umbandista em São Gonçalo (RJ). Eles serão denunciados por abuso de autoridade e violação de templo. O crime aconteceu em junho de 2008, quando Saintclair ocupava o cargo de Conselheiro Tutelar do município. A Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB) e Irmandade da Religião Afro-brasileira (Irmafro) tiveram ciência

do fato por meio do Registro da Ocorrência feito na 74ª Delegacia de Polícia, que ganhou atenção após o pastor ter sido acusado pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa de coordenar um projeto suspeito, envolvendo subsídio federal para igrejas em São Gonçalo. A CEUB e a Irmafro decidiram procurar o MP para relatar o acontecido. (Fonte: SRZD Fé em 25/05/2009)

Proposta isenção de imposto para terreiros de umbanda

Depois da audiência pública realizada no dia 19 de junho na Câmara Municipal de Teresina (PI), com as comunidades de religiões de matriz africana, a vereadora Rosário Bezerra (PT) vai apresentar um indicativo de projeto de Lei para isenção dos terreiros do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). A isenção do imposto já ocorre para religiões católicas. O pensamento da vereadora é que seja estendida para as religiões de matriz africana que, segundo ela, possuem muitos seguidores e ainda assim são discriminadas. O coordenador estadual dos Direitos Humanos e Juventude, Alcir Marcos, disse que existem cerca de 300 terreiros de umbanda ou candomblé na cidade e que já se desenvolve um trabalho de combate à intolerância religiosa. Alci acredita que preconceito aos frequentadores virou um estigma, já que são taxados de macumbeiros. (Fonte: Portal 45 Graus em 20/06/2009)

Atuação de religiões de matriz africana foi marcante na 2ª Conepir

Os líderes das religiões de matriz africana tiveram atuação marcante na 2ª Conferência Nacional de Promoção de Igualdade Racial (Conepir), realizada no mês de junho, em Brasília. A plenária final referendou uma série de propostas destinadas a garantir o combate à intolerância religiosa. Os delegados recomendaram o mapeamento cartográfico social dos terreiros de todo o país, a garantia de aposentadoria para religiosos e a responsabilização de emissoras de TV ou rádio pela veiculação de matérias de cunho racista e discriminatório, com multas diárias no caso de práticas de intolerância. O ministro da Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Edson Santos, se comprometeu a formular um plano nacional de combate à intolerância religiosa e a apoiar a criação de um fórum nacional do movimento de religiosos de matriz africana. (Fonte: Circuito Mato Grosso em 29/06/2009)

Relatório aponta intolerância a religiões de matriz africana

A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, com sede no Rio de Janeiro, entregou ao presidente do Conselho de Direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas), Martin Uhomoibai, e à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, relatório que diz existir uma "ditadura religiosa" promovida pelos neopentecostais no Brasil.

O documento aponta a Igreja Universal do Reino de Deus como propagadora da intolerância religiosa no país, incitando a perseguição, o desrespeito e a "demonização", especialmente da umbanda e do candomblé. O documento relata 15 casos atendidos pela comissão que se transformaram em 34 ações judiciais no Rio de Janeiro, além de três vítimas que vivem ameaçadas e outros 10 casos de intolerância religiosa em outros quatro Estados.

A Comissão, formada por 18 instituições, entre elas a Federação Israelita do Rio e a Congregação Espírita Umbandista do Brasil, pediu para a ONU fazer o seu próprio diagnóstico sobre as denúncias. (Fonte: Mídia News em 27/06/2009)

Justiça liberta pastor e jovem presos por intolerância religiosa

O Tribunal de Justiça do Rio concedeu liberdade provisória ao pastor evangélico Tupirani da Hora Lores, 43 anos, e ao estudante Afonso Henrique Alves Lobato, 26. Os dois foram os primeiros presos no País pelo crime de intolerância religiosa. A dupla é acusada de postar na Internet vídeos e textos que incentivam a violência contra seguidores de outras religiões.

Em março, Afonso Henrique divulgou na Internet um vídeo com ofensas aos seguidores da umbanda e candomblé. Num dos trechos do vídeo, Afonso Henrique chega a dizer que todo pai-de-santo é homossexual. Eles vão responder em liberdade ao processo criminal que corre na Justiça.

Os dois foram denunciados à polícia pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (RJ), formada por representantes de diversas religiões, com apoio do Ministério Público, Tribunal de Justiça e Polícia Civil. Em 2008, Afonso participou de ataque ao templo espírita Cruz de Oxalá, no Catete. Respondeu a processo e foi condenado a pagar cestas básicas. Se condenados, podem pegar de 2 a 5 anos. O crime é inafiançável e imprescritível. (Fonte: Correio do Povo de Alagoas em 14/07/2009)

Mato Grosso cria fórum das religiões afro

Discutir a instalação do Fórum Estadual das Religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira. Este é o principal objetivo da reunião marcada para o dia 16 de julho, no auditório da Polícia Judiciária Civil. A criação do Fórum estadual atende à deliberação do Fórum Nacional das Religiões de Matriz Africana e afro-brasileira criado e instalado durante a 2ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, realizada em Brasília de 25 a 29 de junho.

Segundo o coordenador estadual do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-brasileira (Intecab), professor Vilmar José da Rosa, o objetivo dessa articulação é "principalmente preservar os valores espirituais, culturais e científicos da religião tradicional africana". (Fonte: 24 Horas News em 15/07/2009)

Localização dos Terreiros atendidos



Mapa de Salvador

RA I Centro

Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá

RA II Itapagipe

Ilê Axé Airá Omim
Ilê Axé Odé Lomin Infan
Ilê Axé Ogum Ladê Iyá Omim
Ilê Axé Omin Leuá
Ilê Iyá Osshum
Terreiro de Oxum do Caminho de Areia

RA III São Caetano

Ilê Axé Idanjeuê
Ilê Axé Obá Inan
Ilê Axé Opó Ibu Alama

RA IV Liberdade

Ilê Axé Omin Amboke
Ilê Axé Ewá Omin Nirê
Ilê Axé Iroko Sun
Terreiro Ajagunan
Terreiro do Vodunzô
Terreiro Kanzo Mucambo
Terreiro de Oxalá

RA V Brotas

Axé Abassá de Amaze
Centro do Caboclo Boiadeiro
Centro do Caboclo Oxossi Talami
Centro Matamba de Onato
Ilê Axé Ewê
Ilê Axé Jifulú
Ilê Axé Jualê
Ilê Axé Oluwayê Dey'I
Ilê Axé Oyá Tunjá
Ilê Axé Omin Afonjá Rode
Nzô Mdemboa - Kená
Ilê Axé Omin Ode Azoani
Terreiro Oxossi Caçador
Terreiro Unzô Awziidi Junçara
Tuumba Junçara
Tuumbalagi Junçara
Unzô Dandamutalê
Unzo Katende Dandalunda

RA VI Barra

Sem Registro no Programa

RA VII Rio Vermelho

Ilê Axé Achê Ibá Ogum
Ilê Axé Alarabedê
Ilê Axé Iyá Nassô Oká
Ilê Axé Obá Nirê
Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá

Ilê Axé Omin Deuá
Ilê Axé Onirê Ojuirê
Ilê Axé Oyó Bomim
Ilê Axé Obá Tony
Ilê Obá do Cobre
Ilê Oxumaré
Ilê Axé Oyá Omin Denan
Tanuri Junsara
Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz
Terreiro do Bogum
Terreiro Ogum de Cariri – Kilombo

RA VIII Pituba (Sem Registro no Programa)

RA IX Boca do Rio

Ilê Axé Araka Togum
Ilê Logum Edê Alakaí Koissan
Terreiro Onipó Neto

RA X Itapuã

Axé Abassá de Ogum
Axé Tony Sholayó
Ilê Axé Osun Yinká

Ilê Axé Ominader

Ilê Axé Yeye Jimum
Terreiro Aloia
Terreiro Caboclo Itapuã
Terreiro Oxossi Mutalamô
Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté
Viva Deus Neto
Terreiro Viva Deus Bisneto
Ilê Axé Ibá Aqueran
Terreiro Gurebetá Gome Sogboadã
Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de Un'zambi

RA XI Cabula

Ilê Axé Opó Afonjá
Ilê Axé Oyá Deji
Ilê Axé Tunadeni
Terreiro Sultão das Matas
Unzô Bakisê Sasaganzuá Gongara Caiango
Unzô Ngunzo Kwa Kayango
Viva Deus Filho
Ylê Yá Yalodeidê

RA XII Tancredo Neves

Ilê Axé Gezubum
Ilê Axé Jagun Bomim
Ilê Axé Lofan Demim
Ilê Axé Obá Fangy
Ilê Axé Olufan Anancidê Omin
Ilê Axé Omin Alaxé
Ilê Axé Omin Togun
Ilê Axé Oyá Omin Olorum
Ilê Axé Pondamim Bominfá
Terreiro de Boiadeiro
Terreiro do Bate-Folha
Terreiro Olufonjá
Terreiro São Roque
Terreiro Sete Flechas
Terreiro Tumbenci

RA XIII Pau da Lima

Funzô Iemim
Ilê Omu Keta Posu Beta

RA XIV Cajazeiras

Ilê Axé Layê Lubo
Ilê Axé Omim J'Obá
Ilê Axé Omin Lonan
Ilê Axé Omin Nita
Ilê Axé Onijá
Ilê Axé Silê Odê Águas de Efan
Manso Bandun Kuekue de Inkinansaba Filho
Manso Dandalungua Cocuazenza
Manso Dandoquênque Dunkinisaba Filho
Moitumba Junçara

Ilê Axé Opó Ibu Alama
Nzo Sassa Ganzuá Mono Guiamaze
Terreiro Vintém de Prata
Ilê Axé Ogum Omimkayê
Terreiro Junçara Kondirê
Unzô de Kaiango

RA XV Valéria

Ilê Axé de Ogunjá
Ilê Axé Omim Funkô
Ilê Axé Olo Omin
Ilê Jêje Dahomé Imburací

RA XVI Subúrbios Ferroviários

Onzó de Angorô
Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé
Ilê Axé Oba Furikan
Ilê Axé Acorô Genã
Ilê Axé Loyia
Ilê Axé Ogum Alakaiyê
Ilê Axé Anandeuíy
Ilê Axé Flor da Mirtália
Ilê Axé Gitolobi
Ilê Axé Jagun
Ilê Axé Jfokan
Ilê Axé Kalé Bokum
Ilê Axé Obá Omo
Ilê Axé Odé Tolá
Ilê Axé Omi Euá
Ilê Axé Omin Loyá
Ilê Axé Unzô Mona de Amean
Ilê Olorum Axé Giocan
Luandan Jucia
Terreiro Caboclo Catimboiá
Terreiro Gidenirê
Terreiro Mucundeuá
Terreiro de Nana
Ilê Axé Arin Massun
Ilê Axé Giroqueme

RA XVII Ilhas

Ilê Axé Airá

Região Metropolitana de Salvador

Ilê Ala Axé
Ilê Axé Burukam Ajunsun
Ilê Axé Maa Axé Ni Odé
Ilê Axé Gum Tacum Wserê
Ilê Axé Jesidea
Ilê Axé Oba Nã
Ilê Axé Ofá Omin
Ilê Axé Omim Lessy
Ilê Axé Ondô Nirê
Ilê Axé Opó Olú-Odé Alayedaá
Ilê Axé Oyá
Ilê Axé Odé Obá Lodê
Ilê Axé Odé G'mim
Ilê Axé Taoyá Loni
Ilê Axé Dan Seji Olá
Ilê Axé Bokum
Ilê Axé Igbonan
Sindirátukuã Filha
Terreiro Angurusena Bya Nzambi
Terreiro de Jauá
Terreiro Filhos de Ogunjá
Terreiro Kawizidi Junçara
Terreiro São Bento
Tuumbaengongonsara
Unzô Tateto Lemba
Ilê Axé Alafumbí
Ilê Axé Awon Funfun

Outras Cidades

Centro de Candomblé Santa Bárbara (Itabuna)
Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá (Itabuna)
Ilê Axé Jitolobi (Araci)
Ilê Axé Kayó Alaketu (Cachoeira)
Ilê Axé Obá Nijó Omim (Muritiba)
Ilê Axé Obé Fará Ogum Lonan - Itabuna
Terreiro Afoxé dos Orixás (Rio de Contas)
Terreiro de Ilhéus
Terreiro Matamba Tombeçy (Ilhéus)
Terreiro de Praia do Forte (Mata de São João)
Terreiro de São Sebastião (São Sebastião)

Oba Byan Inganga Yndumbe

Grupo Obabyan*

Somos jovens de religiões de matriz africana em busca de um resgate sócio-histórico-cultural-econômico e político para o povo negro e afrodescendente de Salvador e região metropolitana, da Bahia. Há tempos Salvador, uma cidade majoritariamente composta por afro-descendentes, necessita de um grupo de jovens de candomblé para representar essa parcela da população que tem os orixás, inquices, voduncis, entre outros, como seus guias.

A partir do ano de 2007, num encontro com jovens de terreiros, promovido por KOINONIA na Casa D'Itália, surgiu a idéia de se formar um grupo de jovens de can-

dombelé para lutar e reivindicar pelos seus direitos. Direitos esses que são negados constantemente, como o direito a saúde, moradia, segurança, alimentação, e um dos mais essenciais, educação. No final de 2007 alguns jovens dos terreiros participaram da 1ª Jornada Ecumênica da Juventude do Nordeste, evento ecumênico realizado por Koinonia, com apoio do FE-Brasil.

Diante das carências e violações de direitos dessa juventude, decidimos organizar os jovens dos terreiros para cada vez mais fortalecer nossa religião, vida e axé. No decorrer do ano de 2008 aconteceram várias reuniões de jovens de terreiros - e de sua coordenação - nos terreiros da Casa Branca, Vintém de Prata e Ilê Axé Opô Ajá Omim. Esses encontros serviram para fortalecer

a organização e deles surgiram algumas propostas, como a criação de um jornal de circulação mensal, a criação de um blog (www.obabyan.blogspot.com) e de uma comunidade no Orkut (*Obabyan*). Esses instrumentos de comunicação veiculam as intenções do grupo Oba Byan Inganga Yndumbe (Poder para o novo). Nosso



Integrantes do Obabyan em apresentação

objetivo é utilizar a internet como um meio rápido de difusão de informação entre os jovens do axé na Bahia. Nesses espaços virtuais estão sendo discutidas as violações de direitos, relacionados não apenas à juventude de candomblé, mas a toda a comunidade negra. Isso tudo foi possível porque criamos o grupo de jovens de religião de matriz africana denominado OBA BYAN INGANGA YNDUMBE (Poder para o novo).

Também em 2008, o grupo resolveu participar da criação da Rede Ecumênica de Juventude do Nordeste (REJU-NE). A rede nada mais é do que um conjunto de pessoas de instituições religiosas diversas e do movimento social, que lutam pela comunicação inter-religiosa e pela promoção de políticas públicas para a juventude.

Uma das formas de ação da REJU é a capacitação de lideranças.

O Obabyan participa também de reuniões do Fórum de Juventude Negra. O Fórum tem entre seus objetivos lutar por políticas públicas para a população negra, e criar um diálogo do Fórum com a Sepromi (Secretaria de Promoção e Igualdade Racial do Esta-

do da Bahia). O grupo está convidado a fazer parte deste Fórum. Junto a REJU, o grupo participa das coordenações de facilitadores do regional Nordeste e em nível nacional. Desse modo, a juventude candomblecista cumpre o seu papel de agente transformador da realidade social de forma efetiva.

Exercitamos nossa cidadania de forma concreta, exigindo

que as autoridades "competentes" ouçam as vozes dessas pessoas que tanto contribuíram e contribuem para a formação dessa sociedade que cada vez mais se mostra elitista, racista e excludente. Para nós é fundamental o assumir e professar a nossa fé. Ser jovem de candomblé em todos os momentos de nossas vidas. Poder usar nossos adereços sem sermos violentados ou agredidos. Poder ver nossas referências na TV, nas revistas e nos jornais longe das páginas policiais. Assistir matérias sobre candomblé na TV, sem que seja a derrubada de um ilê axé (casa de força). Poder entrar na faculdade de letras e não ouvir que o nome da folha *Peregun* (folha sagrada do povo de Candomblé) é um nome vulgar.

Queremos entrar num ônibus e não ser ridicularizado ou humilhado pelo pregador que diz que a crença dele é em

Deus e a nossa é no Diabo. Desejamos poder carregar o tabuleiro de Omólú sem ser chamado nas ruas de filho de Sata-nás. Estes são nossos anseios, nossas expectativas e o motivo pelo qual estamos reunidos. Ser jovem de candomblé na contemporaneidade é levar a sociedade a repensar seus valores e sua ótica sobre nós e sobre a nossa fé.

Nosso desafio é fazer uma leitura aprofundada da conjuntura que nos cerca e de forma inteligente, contemporânea e ao mesmo tempo ancestral; viabilizar fer-

Ser jovem de candomblé na contemporaneidade é levar a sociedade a repensar seus valores e sua ótica sobre nós e sobre a nossa fé.

ramentas que nos proporcione garantir nosso espaço nessa nação que nossos antepassados ajudaram a construir.

Atualmente o grupo Obabyan está se organizando para a constituição do estatuto jurídico e temos encontrado problemas financeiros. Porém nosso povo é resistente, e sabe que tudo tem a sua hora.

Que Olorúm nos dê o discernimento, a força e a coragem para seguir nesse caminho que a partir de agora iremos trilhar.

Opinião

O que levou esses jovens a se organizar no Obabyan/ Inganga Indumbe? Por um lado, a vontade de afirmação de sua identidade de candomblé; por outro lado, a necessidade de lutar para garantir seus direitos como jovens e como cidadãos, especialmente no que se refere à violência policial e social de que são vítimas.

Acreditamos que a organização do nosso povo, independente de nação, é a principal forma de conseguirmos reverter esse quadro de longos anos de opressão e dependência de nossa comunidade.

O que disparou a criação do Obabyan foi uma oportunidade, um convite para que jovens do candomblé participassem de uma rede de juventude criada por um movimento ecumênico de defesa de direitos. Ecumenismo entendido como partilha de valores éticos de base cristã ou de base social – luta por justiça social. Dessa rede começaram a participar jovens de diversos movimentos (ligados ou não a diferentes igrejas) e os jovens de candomblé foram convidados a participar.

Nesse momento, os jovens candomblecistas perceberam a necessidade de se afirmar em sua identidade religiosa de origem totalmente diferente da matriz cristã dos demais jovens. Perceberam que tinham que vencer as barreiras do medo que a palavra candomblé despertava nos outros jovens, ou ainda a visão do candomblé como algo “exótico”. Aproveitaram essa oportunidade

para mostrar um pouco da beleza e da alegria de seus cantos e toques, e para contar um pouco de sua mitologia.

Ao atuarem nesse micro contexto, muito protegido, de uma juventude “ecumênica” ligada por valores e ideais de justiça social, os jovens de candomblé começaram a ensaiar um jeito de se unir e de mostrar sua cara no ambiente social maior. Isso pressupôs uma rápida organização interna em relação a aspectos como a diversidade de “nações” (angola, ketu, jeje) representadas, e às diferenças nas formas e jeitos de cada “casa”, profundamente arraigadas, já que cada Terreiro é autônomo e o candomblé não é uma religião hierarquizada desde fora, ou desde um centro. Esses jovens tiveram que encarar primeiro essas questões internas para poder se mostrar para fora, para os “outros”, representados pelos demais jovens, representantes de diversas igrejas de matriz cristã e de diferentes movimentos sociais.

Isso acontece num momento em que o país vivencia um grande debate em relação aos direitos juvenis – são organizadas conferências e elaboradas políticas públicas específicas para atender aos jovens. Outro importante elemento do contexto é a questão da violação dos direitos dos jovens, e muito especialmente o problema da violência policial, que mata muitos jovens negros em Salvador. Essa violência que busca “eliminar” jovens negros tem relação direta com o racismo

Mara Vanessa

que está na base da sociedade brasileira, que faz com que exista uma ideologia segundo a qual o negro não tem valor social, e o jovem negro, antes de provar o contrário, é bandido.

No entanto, jovens de candomblé sofrem, além da discriminação por serem negros, de periferia, e pobres, um outro tipo de discriminação, especificamente por causa de sua fé. Defrontam-se, entre outros problemas, com a intolerância religiosa, especialmente por parte das igrejas neopentecostais.

O que os jovens do Obabyan querem fazer é se afirmar como jovens de candomblé – o que é um elemento identitário a mais, além de serem em sua maioria negros, pobres e de periferia. Querem ser respeitados nas escolas, querem poder usar suas contas e não serem chamados de “filhos do demônio” por isso. Querem poder ir de branco à escola ou ao trabalho e terem direito a licença nos momentos de suas obrigações. Querem reverter, com a força e a fé da juventude, o lugar que a mídia estabelece para o candomblé – ou o lugar do demônio, do escuso, como nas mídias vinculadas a igrejas neo-pentecostais, ou o lugar do exótico, do carnavalesco, como faz a mídia do turismo e dos políticos em campanha.

**Jornalista, Coordenadora pedagógica do Programa Egbé Territórios Negros.*

Unzó Ngunzo Kwa Kayongo

O Terreiro **UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO** teve sua primeira implantação no Arraial do Retiro - um bairro carente da periferia de Salvador - há mais de 20 anos. Sua fundadora, Sr^a Jucelina Santos do Nascimento, a Mãe Cecé, sabendo das necessidades que ali existiam e com um olhar caridoso para com aquela comunidade, fundou quando ainda Abiã, a primeira escola comunitária informal do Arraial do Retiro, voltada para crianças e adolescentes carentes da comunidade, no espaço do Centro de Caboclo Boiadeiro, como também era conhecida a escola. Lá também eram realizados diversos trabalhos sociais.

A Mãe Cecé foi iniciada no candomblé em março de 1994 e suas raízes de axé vêm do **Ilê Axé Axé Obá**, da saudosa Iyalorixá **Bombalaxê** (Cleonice Bárbara) de Valéria.

Mameto Bandangola teve vida religiosa intensa desde sua iniciação. Após cumprir as obrigações de 7 anos no candomblé e receber seu Deká, a Mameto Bandangola, filha de Oyá Kapango, deu início ao **UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO**, terreiro da nação angola e regido por Zazi.

A escola manteve seus trabalhos sociais e passou a desenvolver projetos com atividades voltadas às Mães Solteiras Adolescentes e de combate a fome, atuando em parceria com o Programa Fome Zero. Sem apoio, a escola precisou ser fechada, deixando Mameto Bandangola muito preocupada, pois com o passar dos anos era visível que as necessidades locais não eram mais atendidas, e desta forma também, a demanda de seus filhos.

Neste momento, no ano de 2002, Mameto Bandangola iniciou a construção de seu Terreiro no espaço que atenderia suas necessidades religiosas

e sociais, no bairro de Cajazeira XI, Rua Nossa Senhora de Lourdes, Loteamento Santo Antônio, lote 743. Assim havia sido marcado.

Em uma nova comunidade, mes-



Mãe Cecé

mo sem ter finalizado as obras de construção para mudança do **UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO**, os colaboradores e filhos de santo do Terreiro, liderados sempre por Mameto Bandangola, iniciam, dentro do loteamento Cajazeira, atividades sociais; o mesmo acontecendo em Arraial do Retiro. Mas percebendo que Cajazeiras era um bairro ainda mais carente de atenções, começou a se estruturar para desenvolver projetos maiores no local. Alguns já foram ou estão sendo implantados. Entre eles, a realização da Feira de Saúde da População Negra de Cajazeira XI; a luta para melhorar a urbanização da área, incluindo melhorias na saúde, com a instalação de um centro de saúde; campanha de combate a Intolerância Religiosa; combate a Fome com o Projeto Fome Zero (com o apoio da

Janaran Santos (Meãdianvula)

Acbantu); e realização de cursos de língua Bantu (Kicongo e Kibundo).

Uma fatalidade e um projeto, um sonho foi interrompido: Sr^a. **Juclina Santos do Nascimento**, mas conhecida como **Cecé** ou Mameto Bandangola, faleceu em 16 de fevereiro de 2009, deixando um sonho inacabado: Fazer do **UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO** a casa da força de Iansã, onde ali atenderia a comunidade carente de seu bairro e adjacentes.

Hoje, contando com apoio de amigos e de apenas uma Makota iniciada que ficou na Casa, a sua Filha biológica e Dofona do Terreiro Kayongo, Janaran Santos, tenta dar continuidade ao sonho de sua mãe.

O Terreiro **UNZÓ NGUNZO KWA KAYONGO** está em Luto fechado por um ano até seu próximo Mukundo, onde a Makota Mesu e Meãdianvula (Filha de Bandangola), darão continuidade à luta da sua fundadora.

Palavra de filha: Janaran Santos

Uma mulher acima de tudo guerreira, e de princípios nobres.

“Cecé”, como era conhecida por todos os amigos e políticos da Bahia, lutava sempre em defesa de nossas raízes, contra a intolerância religiosa e o preconceito racial.

Perdi minha mãe, minha amiga, meu super-herói: a mulher da qual eu me orgulhava de ser filha e todos se orgulhavam de tê-la como amiga.

Formadora de opinião, líder comunitária, Cecé morreu com 56 anos, de aneurisma cerebral.

Fez uma linda passagem pelo mundo: chegou fez sua obra e partiu sem se despedir.

Almoço de Trabalho e Fraternidade

No dia 04 de abril, representantes de 57 de Terreiros de Candomblé de Salvador e Comunidades negras rurais do Baixo Sul da Bahia, se reuniram para o primeiro Almoço de trabalho e Fraternidade de 2009, reunião promovida por KOINONIA para as comunidades negras tradicionais atendidas pelo programa Egbé Territórios Negros.

A reunião foi aberta com atividades coordenadas em pequenos grupos pelos representantes do curso de Identidade e Desenvolvimento recém realizado em parceria com o Espaço Vovó Conceição. Esse curso foi realizado entre fevereiro e abril de 2009 com a participação de associações comunitárias de Terreiros de Candomblé e representantes das comunidades negras rurais do Baixo Sul da Bahia.

O objetivo dessa dinâmica de grupo foi compartilhar a experiência do processo de formação e reflexões em torno da identidade, discutindo temas como direitos humanos, políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e reprodutivos.

O encontro prosseguiu com a oração de abertura feita por Laér-

cio Sacramento, Tata do Terreiro de Jauá e membro do Conselho Inter-religioso do Programa. Em seguida, um representante de cada grupo apresentou um resumo dos assuntos discutidos nos grupos e o encontro prosseguiu com a apresentação das atividades desenvolvidas pelo Programa desde o final do ano de 2008 até março de 2009.

Outro momento importante na reunião foi a Tribuna Livre, aberta à participação de todos para sugestões, denúncias, propostas, encaminhamentos e anúncios.

Foi apresentado na reunião a 18ª edição do informativo *Fala Egbé*, disponível em nosso site. Nesta edição você poderá ler mais sobre o Curso de Identidade e Desenvolvimento e a história do Terreiro Ilê

Axé Iyá Nassô Oka – Casa Branca, um dos mais antigos santuários brasileiros da religião de matriz africana e o primeiro terreiro a ser tombado como patrimônio histórico e etnográfico.

Encerrando a reunião,



Exposição de produtos artesanais das comunidades.

KOINONIA e todas as comunidades presentes lançaram o livro *Identidade e Desenvolvimento – ação e pensamento de comunidades negras rurais, quilombolas e Terreiros de Candomblé*, publicação organizada pela jornalista Manoela Vianna, que registra a reflexão a respeito de desenvolvimento protagonizado por comunidades de Terreiros de Candomblé de Salvador e comunidades negras rurais e quilombolas da região do Baixo Sul da Bahia. O livro já está à venda e pode ser solicitado pelo e-mail distribuicao@koinonia.org.br. O valor para venda é de R\$ 11,00 (incluindo despesas de correio).



Oração de Abertura



Lista dos Terreiros Presentes no Encontro do dia 04 de abril de 2009

(em negrito, os terreiros que compareceram pela primeira vez)

Axé Abassá de Ogum

Casa Branca

Centro do Caboclo Itapoã

Centro do Caboclo Mina de Ouro

Centro Umbandista Paz e Justiça

Ilê Axé Ajagonon Elegbo

Ilê Axé Alafumbí

Ilê Axé Alarabedê

Ilê Axé Anandeu

Ilê Axé Burukam Ajunsum

Ilê Axé Jfokan

Ilê Axé Jifulu

Ilê Axé Jitolobi

Ilê Axé Julosum Oju Omim

Ilê Axé Kalé Bokun

Ilê Axé Maroketu

Ilê Axé Obá Furican

Ilê Axé Obá Tony

Ilê Axé Odé G'min

Ilê Axé Ode Oman

Ilê Axé Ogum Mejê

Ilê Axé Ojunilê Chapanã

Ilê Axé Olufan Anancidê Omin

Ilê Axé Omin Arin Massun

Ilê Axé Omin Funkó

Ilê Axé Omin J'Obá

Ilê Axé Omin Nijá

Ilê Axé Onado Ne Osun

Ilê Axé Ondô Nirê

Ilê Axé Osum Made

Ilê Axé Oxossi Talami

Ilê Geleuá

Ilê Yá Yalodeidê

Ilê Yíá Osshum

Ily Iboalama

Manso Dandalungua Cocuazenza

Terreiro Aloyá

Terreiro de Jauá

Terreiro de Jauá – Alemanha

Terreiro Guerebetã Gume Sogboadã

Terreiro Junçara Kondirê

Terreiro Kawizidi Junçara

Terreiro Moitumba Junçara

Terreiro Nzo Tata Nsuuumbu

Terreiro Ogun Tundê

Terreiro Olufanjá

Terreiro Oyá Matamba

Terreiro Pena Branca

Terreiro Vence Tudo

Tumba Ngongo Sara

Tumba Junçara

Vintém de Prata

Viva Deus Bisneto

APOIO



FORD FOUNDATION



CHURCH WORLD SERVICE



NORWEGIAN CHURCH AID

United Church of Canada (UCC)



Canadian International Development Agency
Agence canadienne de développement international



União Européia



PARCERIA



Prefeitura de Salvador



Trabalhando para melhorar a vida das pessoas.



Este informativo é produzido pelo Programa Egbé Territórios Negros de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Dirigido às comunidades negras urbanas de Candomblé e às redes de solidariedade civil e ecumênica.

EDITORIA: Jussara Rêgo e Rafael Soares de Oliveira

REDAÇÃO DE ATIVIDADES: Equipes do Programa Egbé TN

DIRETOR EXECUTIVO DE KOINONIA:

Rafael Soares de Oliveira

REVISÃO: Márcia Evangelista

PROJETO GRÁFICO: Martha Braga

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Nádia Pinho

IMPRESSÃO: Fast Design

FOTOS: Arquivo de KOINONIA

E-mail: falaegbe@koinonia.org.br

ISSN: 1981-7568



KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 3042-6445
Fax (21) 3042-6398
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br



PROGRAMA EGBÉ TN
Travessa d' Ajuda, nº 37, Edf.
Martins Catharino, sala 1203 - Centro.
CEP: 40020-030. Salvador - Bahia
Tel.: (71) 3266-3480
projetoegbesalvador@koinonia.org.br